

**Sociologia crítica:** obra-documento da história política contemporânea  
(1975-1995)  
Paulo Henrique Martinez

**Como citar:** MARTINEZ, Paulo Henrique. Sociologia crítica: obra-documento da história política contemporânea (1975-1995). *In* : TOTTI, Marcelo Augusto (org.). **100 anos de Florestan Fernandes** : legado de ciência e militância. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2022. p. 47-68. DOI: <https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p47-68>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

# SOCIOLOGIA CRÍTICA: OBRA-DOCUMENTO DA HISTÓRIA POLÍTICA CONTEMPORÂNEA (1975-1995)

*Paulo Henrique Martinez*<sup>1</sup>

Na concepção destas páginas ocorreu-me tomar de empréstimo ao professor Caio Navarro de Toledo a ideia e a expressão “obra-documento” (TOLEDO, 1998, p. 61). A expressão é utilizada aqui para designar um conjunto de escritos e livros de Florestan Fernandes que notadamente, a partir de 1975, conferem fundamento ao projeto editorial da Coleção Grandes Cientistas Sociais, publicada entre 1978 e 1990, pela Editora Ática, de São Paulo. Entendida nestes termos, a obra-documento adquire o sentido de uma hipótese de investigação a ser aprimorada e desenvolvida.

Os debates motivados pelo centenário de nascimento de Florestan Fernandes (1920) nos remetem a 1986. Em maio daquele ano, o curso de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista (UNESP), no campus de Marília, promoveu a Jornada de Estudos Florestan Fernandes, que contou com a presença e participação

---

<sup>1</sup> Professor na Universidade Estadual Paulista, Departamento de História da Faculdade de Ciências e Letras de Assis.

<https://doi.org/10.36311/2022.978-65-5954-298-7.p47-68>

do próprio sociólogo. Foi uma ampla e extensa programação dedicada ao conjunto de seu trabalho desenvolvido na Universidade de São Paulo, da trajetória de vida, da obra sociológica, da reflexão política sobre a sociedade brasileira e o pensamento marxista. Posteriormente os trabalhos apresentados foram reunidos em livro, organizado pela professora Maria Ângela D’Incao: *O saber militante*, publicado em 1987.

O livro conheceu duas edições. Hoje, encontra-se disponível em bibliotecas universitárias e particulares e nas livrarias virtuais, visto que as edições são já antigas. A Jornada de 1986 e o livro que dela resultou são marcos para quem queira conhecer e estudar a obra de Florestan Fernandes, tomada em conjunto, em momentos de ensino, pesquisa e de reflexão teórica, pensamento político e demais temas abordados em sua profícua bibliografia, artigos, textos avulsos, correspondência, pronunciamentos e propostas parlamentares (1987-1995), atuação na Assembleia Constituinte (1987-1988) e na revisão constitucional (1993), entre outros.

No decorrer dos anos *O saber militante* adquiriu caráter introdutório, de apresentação e de balanço de seu trabalho intelectual, universitário e extrauniversitário. Os estudos sobre a obra de Florestan Fernandes multiplicaram-se desde então e existe hoje numerosa e diversificada bibliografia abordando questões, períodos e análises de suas ideias e interpretações, nas dimensões teórica, empírica e prática. A reunião dos artigos e ensaios de autoria de ex-alunos e colegas e os debates com jovens professores e estudantes na universidade pública, durante a Jornada de Estudos, foram também marcos para a nova etapa, tanto na biografia quanto na militância de Florestan Fernandes.

Em maio daquele mesmo ano, Florestan deu início à sua campanha eleitoral, bem sucedida, para o Congresso Nacional e que se reuniu também como Assembleia Constituinte, a partir de 1987. Partira para a contestação e o enfrentamento da mistificação política da autodenominada Nova República, empossada em março de 1985. Em 1990, Florestan Fernandes foi reeleito para segundo mandato como deputado federal, na legenda do Partido dos Trabalhadores (PT) de São Paulo, para a legislatura encarregada pela própria Constituição de fazer a revisão do texto constitucional, em 1993. O término deste mandato legislativo, em janeiro

de 1995, foi também o encerramento de um período bastante destacado em sua militância política e partidária, iniciada ainda quando estudante, em oposição à ditadura do Estado Novo (1937-1945).

Este meio século de vida adulta, familiar e profissional em que Florestan dedicou com maior e menor intensidade tempo e energia aos movimentos político-partidários, foi lembrado pelo professor Octavio Ianni, como uma “época peculiar da vida”. O período correspondeu ao das tensões e rivalidades – política, econômica, ideológica e militar – entre as potências vencedoras da II Guerra Mundial, a polarização entre Estados Unidos e União Soviética, que cobriu em escala mundial a segunda metade do século XX com o manto da Guerra Fria. Foi um momento em que os posicionamentos políticos estiveram condenados a atuar em defesa da ordem ou contra a ordem social, econômica e ideológica. Foi igualmente um importante período em mudanças históricas e culturais no Brasil, notadamente, entre 1945 e 1964. Na esfera da política nacional os brasileiros suportaram duas ditaduras sangrentas: a do Estado Novo (1937-1945) e a militar (1964-1985) (IANNI, 1998, p. 190).

Florestan Fernandes tomou posição de crítica e oposição aos dois regimes ditatoriais. Em ambas as situações enfrentou o dilema da preponderância de dedicação individual no âmbito da universidade ou das rotinas político-partidárias. Na contestação à ditadura encabeçada por Getúlio Vargas, ingressou nas fileiras do Partido Socialista Revolucionário (PSR), de orientação trotskista. Após o término do regime do Estado Novo, restava-lhe tomar a decisão do rumo a ser seguido. Optou pela formação intelectual e a atuação como professor na Universidade de São Paulo (USP). Após a sua aposentadoria compulsória na USP, ditada pelo regime militar, em abril de 1969, perseverou em seu ofício, ao longo da década de 1970, em universidades estrangeiras – Toronto (1969-1972) e Yale, nos Estados Unidos (1977) – e no *Sedes Sapientiae* (1976-1977) e na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo (1978-1986). A tensão entre intelectual e cidadão, o dilema vida universitária e partido político, reapareceram em cena em 1986, quando, já acolhido na UNESP, em Marília, filiou-se ao PT para disputar a eleição dos deputados federais constituintes. Desta vez, fazia a opção pelo partido. Nos oito anos em

que esteve na Câmara dos Deputados, entre 1987 e 1995, perseverou em seus esforços de aproximação do conhecimento fundamentado e rigoroso e suas contribuições ao desafio de empreender as transformações políticas e sociais dentro da ordem, promovendo uma revolução democrática no país, e contra a ordem, descortinando oportunidades e caminhos para a revolução e o engate da transição socialista no Brasil.

No primeiro semestre de 1995, Florestan retirou-se na expectativa de retomar seus projetos intelectuais, particularmente, a pesquisa sobre sírios e libaneses em São Paulo, da qual dispunha dos dados coletados anteriormente e nunca encontrara a oportunidade desejada para a elaboração e a redação das análises. Este foi o projeto intelectual ao qual pretendia se dedicar após a experiência de oito anos no Congresso Nacional. Para tanto providenciara a instalação de sua biblioteca e de seus arquivos de trabalho, próximo ao local onde residia. Pode-se ter uma dimensão do alcance e do significado deste ato nas observações de sua filha, Heloísa Rodrigues Fernandes, quando da transferência da biblioteca, arquivos e materiais de trabalho de Florestan, em agosto de 1996, para a Universidade Federal de São Carlos, no Estado de São Paulo (FERNANDES, 1998, p. 47-52). Havia toda uma preparação para o novo momento, mas o agravamento de sua condição de saúde e o tratamento médico impediram que desempenhasse a tarefa. Tarefa que ele mesmo se propunha a concluir, tantas vezes referida, em inúmeras ocasiões, entrevistas, conversas e palestras. Infelizmente, embora pudesse ser o momento ideal, Florestan Fernandes não teve tempo suficiente para a realização do projeto. O agravamento de sua condição de saúde caminhou mais rápido.

Fiz menção, resumidamente, ao ano-marco de 1986 e depois para que se tenha a dimensão assumida pela Jornada de Estudos e do livro *O saber militante* nos anos seguintes. O ano-marco também se impõe pelo significado na cronologia da trajetória individual e da militância política de Florestan Fernandes. O momento de entrada em campo aberto, dedicando-se intensa e constantemente a atividades políticas que foram o desdobramento, nessa sua etapa de vida, de uma contínua atividade intelectual, voltada para o que o professor Paulo Silveira identificou como a dinâmica atuação de um *publicista* (SILVEIRA, 1987, p. 288). A

elaboração analítica e criativa de recorrer a textos curtos e comunicativos, escritos tanto para jornais de grande circulação quanto para a imprensa alternativa, revistas, entrevistas, conferências, debates, seminários, reuniões políticas e palestras. A ampla, diversificada e rica atividade intelectual esteve voltada, prioritariamente, ao debate de temas contemporâneos. Fosse no âmbito da política internacional, como o imperialismo e a hegemonia norte-americana, o fascismo e a revolução dos Cravos, em Portugal, a revolução em Cuba, na América Central e na América do Sul, os desafios do socialismo na Europa e na China. Fosse no âmbito da política brasileira, como a crise da ditadura, a campanha pela anistia dos perseguidos, presos e exilados políticos, a organização dos partidos, enfim, o calendário e a agenda política daquilo que a ditadura tinha o cinismo e a petulância de classificar como “abertura democrática” e que sempre foi rejeitada e criticada dura e diretamente pelo sociólogo Florestan Fernandes.

## **1986: MILITÂNCIA POLÍTICA**

Feita essa demarcação no tempo, é preciso esclarecer que concentro minhas observações em redor de 1986, sendo possível identificar o início daquela nova etapa caracterizada pela militância política em campo aberto. Considero oportuno pensar o período imediatamente anterior, entre 1978 e 1986. Neste intervalo de tempo Florestan Fernandes desenvolveu intensa atividade intelectual e crescente atividade política e militante de crítica das ações da ditadura, em defesa da democracia, da politização e da organização da sociedade, do movimento operário, do movimento negro e da massa popular. Quem examinar o conjunto de escritos e livros publicados nos anos finais da década de 1970 vai constatar a atividade intelectual e política, notadamente no campo editorial e do ensino em cursos livres, na USP e fora dela, e de pós-graduação na PUC. Uma dedicação que tomou impulso com a publicação de *A revolução burguesa no Brasil*: ensaio de interpretação sociológica, em 1975, de um lado, e frente às artimanhas políticas que compunham a “abertura democrática” da ditadura militar, de outro.

Há interesse e relevância neste período no projeto editorial de largo significado na ação política e educacional de Florestan Fernandes. Foi a

concepção, a coordenação e o início da publicação da Coleção Grandes Cientistas Sociais. Em 1978, saiu o volume 1, referente ao sociólogo francês Émile Durkheim, organizado pelo professor José Albertino Rodrigues. Os volumes da Coleção Grandes Cientistas Sociais traziam na quarta capa a seguinte apresentação:

Textos básicos de Ciências Sociais, selecionados com a supervisão geral do Prof. Florestan Fernandes. Abrangendo seis disciplinas fundamentais da ciência social – Sociologia, História, Economia, Psicologia, Política e Antropologia – a coleção apresenta os autores modernos e contemporâneos de maior destaque mundial, focalizados através de introdução crítica e bibliográfica, assinada por especialistas da universidade brasileira. A essa introdução crítica segue-se uma coletânea dos textos mais representativos de cada autor. (RODRIGUES, 1978, 4ª Capa).

Posteriormente, houve a incorporação de mais uma disciplina, a Geografia, quando foram publicados três autores estrangeiros: Ratzel, Reclus e Sorre. Vale o registro de que apenas uma mulher integrou a relação de grandes cientistas sociais publicados. Na área de Psicologia, o volume 32 foi dedicado a Melanie Klein (1882-1960). Já na organização e na coorganização dos volumes editados houve a participação de quatorze professoras e pesquisadoras, nas seis disciplinas inicialmente definidas.<sup>2</sup> O número da participação de mulheres correspondeu a menos de um quarto dos títulos publicados na Coleção. As coletâneas dos respectivos volumes proporcionaram aos leitores, dentro e fora das universidades, acesso a vários autores e textos ainda inéditos, em português e no Brasil, além de estudos críticos sobre o conjunto de suas obras. Caberia para efeito de comparação um cotejo desta Coleção com a anteriormente publicada pela editora Abril, durante a década de 1970 e suas sucessivas reformulações editoriais, nas décadas seguintes, os volumes da coleção *Os pensadores*. Convém lembrar que, em 1971, a editora Zahar havia lançado o livro *Os*

---

<sup>2</sup> Foram elas: Antropologia (1): Eunice Ribeiro Durham. Economia (1): Lenina Pomeranz. História (2): Maria Odila Leite da Silva Dias e Walnice Nogueira Galvão. Política (3): Anna Maria Martinez Corrêa, Marta Elena Alvarez e Paula Beiguelman. Psicologia (3): Jacqueline Nadel-Brulfert, Maria José Garcia Werebe e Rachel Rodrigues Kerbauy. Sociologia (4): Bárbara Freitag, Heloísa Rodrigues Fernandes, Maria Isaura Pereira de Queiroz e Marialice Mencarini Foracchi.

*precursores das ciências sociais*, organizado por Timoth Raison, publicado dois anos antes, na Inglaterra. O livro contém 24 biografias intelectuais, sendo Beatrice Webb, a única mulher, referida no capítulo “Os Webbs”, ao lado do marido, Sidney. Os autores selecionados são da Sociologia e da Antropologia, dez dentre eles figuram na Coleção Grandes Cientistas Sociais: Comte, Durkheim, Engels, Malinowski, Mannheim, Marx, Pareto, Radcliffe-Brown, Simmel e Weber.

Em 1990 a editora Ática encerrou a Coleção coordenada por Florestan Fernandes. O lançamento do volume 60, dedicado a Nikolai Bukhárin, contendo textos de Economia desse pensador marxista, líder e dirigente da Revolução Russa, perseguido e morto sob o stalinismo na década de 1930, foi o término do projeto editorial. Curiosamente o destino da Coleção que terminava no ano intermediário entre a queda do muro de Berlim (1989) e a dissolução da União Soviética (1991), parecia denunciar a incompreensão e a relativa aceitação que sua proposta editorial continha e sustentara ao longo dos doze anos em que seus volumes foram publicados, tendo alguns deles conhecido reedições.

Os 60 volumes possuem identidade editorial e pedagógica precisa e bem definida. Tendo como finalidade o suporte didático para disciplinas e cursos de ensino universitário, a Coleção Grandes Cientistas Sociais constitui um seguro posto de observação para os entrelaçamentos entre vida política, atividade intelectual e trajetória biográfica do Florestan Fernandes. Vistos em conjunto, os volumes da Coleção cumprem um papel singular. Formam uma espécie de porta giratória, que dá vida e que permite o acesso tanto para a militância política quanto para o pensamento sociológico de Florestan Fernandes, que operavam nesse projeto editorial.

Cabe registrar ainda um núcleo de insinuações e de preocupações iniciais, a partir desta hipótese de trabalho. Hipótese que contém significado biográfico e elementos para a compreensão da saída da crise intelectual e existencial, enfrentada pelo indivíduo e o sociólogo. Uma crise detonada em fins de 1972 quando regressou definitivamente ao Brasil, depois de uma temporada de três anos trabalhando na Universidade de Toronto, no Canadá. A fundamentação para a validação dessa hipótese quanto ao significado da militância política e intelectual de Florestan Fernandes, nos

anos compreendidos entre 1978 e 1986, encontra ressonância em alguns pontos, ainda que não exaustivamente, no ensaio introdutório – “Mills, o sociólogo artesão” – que a professora Heloísa Rodrigues Fernandes escreveu para o volume 48 da Coleção Grandes Cientistas Sociais, dedicado ao sociólogo norte-americano Charles Wright Mills (1916-1962).

Voltei-me para essa introdução, um pouco inadvertidamente, fazendo a leitura de um pequeno livro de Florestan Fernandes, muito pouco lembrado, raramente citado e nunca referido em listas de expectativas e de reedições. Trata-se de *A natureza sociológica da sociologia*, publicado em 1980, resultado de apontamentos de aulas do curso ministrado no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da PUC, durante o primeiro semestre de 1978. Os capítulos que compõem o livro tomam a forma de um amplo ensaio crítico e interpretativo da trajetória da sociologia, desde o século XIX, até o momento da sua redação. Curiosamente, ao longo de todo o livro, em alguns momentos mais, em outros menos, chama a atenção do leitor a incidência que a expressão “imaginação sociológica” conheceu nessas páginas. A expressão adquire tal presença que acaba por converter-se em palavra-chave na compreensão do ordenamento tanto das aulas quanto da compartimentação dos capítulos. A expressão nos remete ao título do livro de Charles Wright Mills, *A imaginação sociológica*, publicado em 1959, no qual o autor fez um ajuste de contas intelectual com a sociologia norte-americana.

O curso na PUC e o livro *A natureza sociológica da sociologia* guardam algo desse espírito e o teor de um ajuste de contas político do professor e sociólogo paulista com a sociologia no Brasil e com sociologia internacional. Há na nota explicativa, no início do livro, algumas observações que situam o leitor e são elucidativas para aquilo que estamos pensando nos debates sobre o centenário, momentos da biografia e da militância política do Florestan Fernandes. A primeira delas é o seu compromisso em empreender aquilo que tantas vezes chamou e condensou na expressão “sociologia crítica”. Uma sociologia que incorporasse o nível de engajamento da Nova Esquerda, um movimento político bastante difuso, nos Estados Unidos e na Europa Ocidental, e o engajamento da sociologia marxista das décadas de 1960 e 1970. A nota explicativa nos esclarece que os temas abordados no

pequeno volume *A natureza sociológica da sociologia*, já haviam assombrado as intenções reflexivas de seu autor, em 1962, quando da publicação do livro *A sociologia numa era de revolução social*, naquele mesmo ano, mas não o fez. Posteriormente, sob nova tentação, quando da segunda edição do livro, em 1976, ressurgiu a intenção e, novamente, não foi concretizada.

Em leitura crítica dos prefácios escritos por Florestan Fernandes para as respectivas edições de *A sociologia numa era de revolução social*, a professora Élide Rugai Bastos chamou a atenção para três pontos principais e comuns em cada um deles, apesar do intervalo de tempo compreendido entre 1962 e 1976. Em primeiro lugar, a preocupação com a singularidade social do Brasil. Em segundo lugar, atenção ao papel do intelectual e suas tarefas, diagnósticos e soluções para os problemas desta sociedade. Por fim, a retomada das “contribuições universais do pensamento, criticando-as, utilizando-as na operacionalização dos diagnósticos e na formulação de ‘saídas’ políticas”. Em sua avaliação, nestes três pontos, Florestan Fernandes, “impõe-se o papel a ser desempenhado pelo sociólogo: o de crítico e inovador das instituições” (BASTOS, 1998, p. 153-154).

## 1978: CURSO NA PUC

Ao oferecer o curso na PUC, Florestan encontrara a oportunidade de pensar sobre o tema. Criou-se também uma situação nova e que ele nos confidencia na referida nota explicativa e no prefácio de *A natureza sociológica da sociologia*. O livro nascera das aulas, é fato. Contudo, ao preparar os respectivos apontamentos, já tinha em vista a elaboração deste. Florestan faz uma série de considerações sobre o insucesso do projeto, os problemas pedagógicos daí decorrentes, mas o curso fora realizado na íntegra, atendera ao cronograma de trabalho estabelecido, a redação e a publicação do livro.

Basicamente o que o Florestan propõe em *A natureza sociológica da sociologia*, sinalizando as suas preocupações, é que o curso e o livro foram estruturados em torno de uma polaridade. Uma tensão permanente, formada por um polo de dominação social e por um polo de revolução social, em torno dos quais gravitaram autores, análises e obras das ciências

sociais, em geral, e do pensamento sociológico mundial e nacional, em particular. Uma polaridade que tomou corpo no século XIX, com Augusto Comte, como a referência inicial, no polo dominação, e com Karl Marx e Friedrich Engels, no polo revolução (RAISON, 1971). Esta polaridade seria constante, teria caráter dinâmico e antagônico, mas também caráter de interação e de diálogo, em alguns momentos, em determinadas obras, em distintos autores. Quando Florestan desenvolve este raciocínio, pensa especificamente no desafio da sociologia, do pensamento sociológico de sua época, o fim da década de 1970. Momento em que o pensamento sociológico acumulava duzentos anos de experiências em debate, ensino, investigação, desenvolvimento e aplicabilidade de técnicas sociais que cobriam um amplo quadro social, da assistência ao planejamento, entre os quais meio século de desafios e de inspiração no equacionamento teórico do socialismo revolucionário (FERNANDES, 1980).

A Revolução Russa (1917) e as experiências revolucionárias ao longo do século XX – Iugoslávia, China, Cuba, Vietnã – teriam lançado um novo desafio e a necessidade de um novo esforço para aquilo que Florestan Fernandes chamou de “uma imaginação sociológica criadora” (FERNANDES, 1980, p. 103). Esta teria o objetivo de suplantar a sociologia do polo dominação, ou a sociologia burguesa, identificada com os momentos sociais em que a burguesia emerge como classe social revolucionária, como classe social dominante e, finalmente, como classe social contrarrevolucionária, diante da experiência da luta de classes e dos objetivos do socialismo. Este seria o desafio do pensamento sociológico no final dos anos 1970, abrir as comportas para um pensamento sociológico de novo tipo, voltado para a construção do futuro. Florestan Fernandes, então, adverte: “Nesse amplo processo, o pensamento sociológico ligado à polaridade revolução ganhou alguma densidade, mas ele não foi alvo de um esforço deliberado e concentrado de ‘construir uma nova sociologia’” (FERNANDES, 1980, p. 77).

Eis aqui a tarefa intelectual e política, da qual ele se auto investira, nos últimos anos da década de 1970, e que adquiriria materialidade nas duas coleções editoriais das quais foi coordenador desde aquele período. Uma, na Editora Hucitec, sobre o movimento e o pensamento socialista

– série Linha de frente, em pequeno formato, e Pensamento socialista – com a edição de obras de pensadores marxistas, como Lênin e Kautsky, por exemplo. Outra, foi a referida Coleção Grandes Cientistas Sociais, na Editora Ática. Certamente, Florestan valeu-se da experiência pessoal adquirida na Editora Flama, para a qual traduziu e redigiu a introdução ao livro de Karl Marx, *Contribuição à crítica da economia política*, publicado em 1946. Criada e alinhada aos dirigentes do PSR, a Editora tinha em seu catálogo obras científicas, literatura e autores marxistas, como Rosa Luxemburgo, Kautsky, Bukhárin, além de Marx e Engels. Estes integravam a série Pensamento e Ação. Vale lembrar que este título seria invocado por Florestan Fernandes, em 1989, quando publicou *Pensamento e ação*: o PT e os rumos do socialismo.

As primeiras páginas de *A natureza sociológica da sociologia* trazem a convidativa observação: “[...] não se trata de uma sociologia crítica e militante ligada ao funcionamento de um partido revolucionário ou incrustada em movimentos revolucionários *in flux*, a sociedade brasileira revelou-se débil demais para tal transformação institucional.” (FERNANDES, 1980, p. 17). Vemos aqui uma frustração, a decepção, menor com a sociologia, em geral, e maior com a própria estrutura social e a sociologia emanada do polo revolução. Embora a realidade da sociedade brasileira fosse instrutiva para nutrir esse processo intelectual, ela mesma desponta nesta passagem como evidência a mais na busca de fundamentação empírica da hipótese em elaboração nestas páginas.

Esta atenção conferida por Florestan Fernandes às relações entre pensamento socialista revolucionário e demais esferas da vida intelectual e cultural encontra em debates sobre a autonomia da criação artística e o papel de artistas, intelectuais, escritores e cientistas um elucidativo caminho. Não apenas ao sondar estas relações, mas também as expectativas e potencialidades que abrigam, o seu fracasso ou sucesso, pleno ou parcial, a elaboração de testemunhos e de registros de procedimentos adotados e sugeridos, a formulação autônoma das análises e a busca de interpretações próprias diante da multiplicidade de vozes, temas, métodos, obras, documentos presentes nas articulações possíveis e inventivas no

amplo escopo dos grandes cientistas sociais (FACIOLI, 1985, p. 11).<sup>3</sup> O historiador Carlos Guilherme Mota destaca a frequência e abundância de reflexões desta natureza na obra de Florestan Fernandes: “Não creio que outro cientista social ou escritor tenha refletido tanto e tão compulsivamente sobre seu próprio papel institucional e político e sobre a significância de sua disciplina ao longo de nossa História.” (MOTA, 1998, p. 12).

Os conteúdos e os propósitos de *A natureza sociológica da sociologia* colocam o livro e as tarefas já referidas na linha de frente da *sociologia crítica*, explicitamente na perspectiva do materialismo dialético e do materialismo histórico. Este debate e a Coleção Grandes Cientistas Sociais foram lembrados pelo professor José Paulo Netto, no texto introdutório que escreveu para o livro publicado pela Editora Expressão Popular, reunindo as duas introduções que Florestan Fernandes redigiu aos volumes da Coleção dedicados ao pensamento político de Lenin (volume 5) e ao pensamento histórico e ao materialismo histórico, de Karl Marx e de Friedrich Engels (volume 36). As duas introduções foram reunidas e publicadas sob o título *Marx, Engels, Lenin - a história em processo*.

O professor José Paulo Netto colocou em evidência a pertinência das introduções escritas por Florestan Fernandes aos referidos volumes no que diz respeito ao conhecimento empírico e teórico, político, histórico e sociológico dos três autores dos textos selecionados. Podemos e devemos ir mais fundo e mais longe, em busca da compreensão de sentidos e significados do empreendimento editorial do sociólogo paulista. Para além do debate político de mobilização social dos partidos, das greves, da crise econômica, do terrorismo de direita, das denúncias de graves violações de Direitos Humanos, da tortura, dos desaparecimentos de opositores e de presos políticos, a atividade de Florestan Fernandes, envolveu tanto a participação em atos e reuniões políticas quanto esta intensa atividade editorial.

---

<sup>3</sup> Na segunda parte do livro de André Breton, **Por uma arte revolucionária**, Valentim Facioli utiliza em epígrafe ao seu texto “Intelectual: democracia e cidadania” uma longa citação de Florestan Fernandes, sem indicação da fonte: “Na verdade o essencial é a tensão do escritor com o mundo que lhe é oferecido para realizar-se como criador de cultura, como ser humano e como cidadão. Essa tensão desloca uma grande massa de escritores para combates análogos aos que são travados pelos de baixo. Eles também precisam *civilizar a sociedade civil* para conquistar um mínimo de autonomia relativa na atividade criadora. Por este lado, os escritores podem ser (e efetivamente o são) um fermento explosivo das comoções que sacodem a sociedade civil e que estão conduzindo à sua implosão inexorável. Nada poderá evitá-la.” (grifos no original) (FACIOLI, 1985, p. 123).

Seria suficiente lembrar que em 1980, quando foi publicado *A natureza sociológica da sociologia*, integrando a Coleção Primeiros Passos, da Editora Brasiliense, apareceu o pequeno livro *O que é revolução*. Outros livros de Florestan Fernandes contendo ásperas críticas e contestação frontal à ditadura militar foram editados, um pouco antes, um pouco depois, sendo o último rebento desse conjunto de diversificadas iniciativas intelectuais – artigos na imprensa, conferências, entrevistas – o livro *Que tipo de República?*, publicado em 1986. A cristalização desse período de militância política e da biografia intelectual, de *sociologia crítica*, ocorre no contexto de sua filiação ao Partido dos Trabalhadores e da campanha eleitoral para o Congresso Constituinte. Naquele mesmo ano, houve o lançamento do volume 58 da Coleção Grandes Cientistas Sociais, organizado e apresentado pelo professor Octávio Ianni, e dedicado ao pensamento sociológico de Florestan Fernandes. Anteriormente, na passagem de 1985 para o ano seguinte, a editora Jorge Zahar lançara em sua coleção “Brasil, os anos de autoritarismo”, o volume *Nova República?*, no qual Florestan fazia a crítica do processo político da chamada transição democrática, no período compreendido entre a rejeição da emenda das Diretas-já, em abril de 1984, a eleição indireta, pelo colégio eleitoral, de Tancredo Neves e José Sarney para a presidência e a vice-presidência da República, e os primeiros meses do governo Sarney, em 1985.

Em *A natureza sociológica da sociologia* encontramos vários sinais das diretrizes intelectuais e editoriais presentes na Coleção Grandes Cientistas Sociais. Quero lembrar a pertinência da observação compartilhada pelo professor Marcelo Augusto Totti, em diálogo recente, quanto aos saberes e fazeres de uma sociologia pública, a partir do destaque dado por Florestan Fernandes à sociologia e à estatística no volume *Lênin: Política*, e que nos sugere pensar a sociologia empírica. A menção ao artigo de Lênin, publicado em 1917, no volume 5 da Coleção, por exemplo, ilumina aquilo que Florestan vislumbrou em *A natureza sociológica da sociologia*, remetendo-nos à sociologia do bloco soviético, particularmente, da União Soviética. Florestan viu com bons olhos a experiência sociológica que estava surgindo no mundo socialista e no mundo soviético, ainda que tenha feito inúmeras observações críticas quanto aos desafios, insuficiências e vínculos

com o passado. Em síntese, Florestan destacou o espírito da exposição e da abordagem de Lênin sobre as estruturas e os dinamismos sociais, (FERNANDES, 1978, p. 22-23).

Estes três textos, o derivado do curso na PUC e as duas introduções aos volumes 5 e 36, respectivamente, são certamente, os últimos textos de reflexão teórica e densidade interpretativa no âmbito da sociologia crítica, antes de Florestan Fernandes postar-se inteiramente a serviço da ação política. Rompia-se o “desterro intelectual”, que lhe fora imposto com a aposentadoria compulsória na USP, em 1969, pela produção de publicista, de análises à queima-roupa dos acontecimentos sociais e políticos, entre as décadas de 1970 e 1990 (ARRUDA, 2005, p. 9). Caio Navarro de Toledo destacou que este período assinala também a incorporação perene do tema do socialismo na reflexão de Florestan Fernandes. Esta seguiu balizada pela análise das lutas e dos movimentos sociais, do movimento socialista e a revolução social, na Europa e fora dela, pensamento e ação, teoria e política, cristalizada, por exemplo, no estudo da revolução cubana (TOLEDO, 1998, p. 62 - 63). São *Da guerrilha ao socialismo* – outro livro derivado de curso ministrado na universidade – e os escritos reunidos, por exemplo, em *Brasil em compasso de espera, A ditadura em questão, Que tipo de República?* e demais títulos, publicados regularmente até 1995. É fato que a dimensão teórica nunca desapareceu do horizonte intelectual de Florestan Fernandes, até porque este foi um diálogo constante, intrínseco ao próprio desenvolvimento de seu pensamento sociológico (IANNI, 1998, p. 195-196).

Aqueles três textos compõem os últimos esforços de motivação teórica, antes de ingressar na política partidária, à qual devotou menos tempo e energia, e parlamentar, à qual entregou-se de corpo e alma, particularmente, nos trabalhos das comissões e nas sessões do Congresso Constituinte e, em seguida nos debates sobre a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) da Educação Nacional (FERNANDES, 1993). Referindo-se à Comissão de Educação, Cultura e Desporto da Câmara dos Deputados, Florestan registrou: “Nela realizei a maioria das minhas tarefas parlamentares.” (FERNANDES, 1995, p. 5).

A introdução que escreveu para o volume sobre o pensamento político de Lenin é de 1978. O curso na PUC e o livro *A natureza sociológica da sociologia*, são do primeiro semestre do mesmo ano. A redação do livro estava concluída já no final do semestre, o prefácio encontra-se datado em meados dele, embora a publicação tenha ocorrido apenas em 1980. Em seguida, houve a introdução à coletânea de Marx e Engels. A organização deste volume fora conferida a outra pessoa e, conforme previamente acordado com a Editora Ática, deveria conter praticamente o dobro do número de páginas dos demais volumes da Coleção, além de traduções de textos inéditos, sobretudo cartas. Florestan acabou assumindo a sua organização, em substituição ao nome inicialmente programado, então, na impossibilidade de fazê-lo. Este acaso talvez responda pelo tom cientificista que o volume 36, *Marx/Engels: História*, adquiriu e que o distingue em nossa bibliografia sobre o pensamento marxista, conforme observou o historiador Fernando Antonio Novais, em rememoração de sua própria experiência no grupo de jovens professores reunido para a leitura e debate de *O Capital*, na primeira metade da década de 1960:

Agora, de maneira geral, todos éramos discípulos do [José Arthur] Gianotti, pois ele trazia uma leitura original de Marx. O Florestan até ficou agastado com o pessoal do grupo, mas sempre digo aos meus alunos que a melhor exposição que conheço sobre o materialismo histórico é a introdução ao volume Marx/Engels: História, na Coleção Grandes Cientistas Sociais, feita pelo Florestan. A introdução é sua e é a melhor exposição de conjunto do marxismo que eu conheço. Porém, ele tem aquela leitura muito cientificista de Marx e nossa formação no grupo era mais voltada aos problema teóricos, filosóficos, metafísicos. (NOVAIS, 2002, p. 127).

Em sequência e em paralelo a estes três textos de natureza teórica, houve uma avalanche de textos curtos, espécie de segunda e de terceira geração dos denominados “compactos críticos”, elaborados a partir dos anos 1970, em busca da comunicação direta, ágil, objetiva e combativa. É importante que se diga isso porque a análise sociológica que anima aqueles três ensaios é densa, dura, contundente. São análises que apontam em

outras direções políticas e de forma muito enfática, clara e precisa. Torna-se pertinente a percepção e o significado desses textos. Quando Florestan fala da sociologia que estava nascendo no âmbito do socialismo revolucionário, recorre a uma expressão: *sociologia concreta*. A esta menção, cabe lembrar que Heloísa Rodrigues Fernandes fez alusão a Charles Wright Mills como “cientista social prático” (FERNANDES, 1985, p. 18).

Há canais de comunicação entre estes dois sociólogos. A motivação intelectual de Florestan Fernandes para esse momento, quando o pensamento de Lenin converge para *A natureza sociológica da sociologia*. Diz Florestan:

[...] minha tentativa persistente de enlaçar a sociologia como ciência ao socialismo, como movimento político revolucionário (nas várias gradações: da revolução dentro da ordem e da revolução contra a ordem; alternativas históricas que não dependem da vontade pessoal – eu prefiro a última, a ela dei minha adesão definitiva...). (FERNANDES, 1980, p. 15).

Isto foi o que ele chamou de momento do pensamento sociológico, no Brasil e no mundo, em que tocava à sociologia realizar tanto a crítica da sociedade de classes do capitalismo quanto descortinar o futuro possível nas sociedades então consideradas em transição para o socialismo. Este duplo desafio surgiu entrelaçado, algo desequilibrado, e o seu enfrentamento não caberia apenas à sociologia gestada no mundo do socialismo. Haveria que contar, nessa perspectiva, também com a sociologia identificada como burguesa, no polo dominação, visto que na história que se abria ao século XXI, as sociedades capitalistas, desenvolvidas ou não, alcançariam semelhante patamar e haveriam de padecer o mesmo desafio intelectual e material. Voltamos a Lênin.

O dirigente russo realçou a importância da crítica e da negação, na perspectiva da transformação do mundo, a partir da atividade política concreta. Este é o elogio e o exemplo que Florestan foi buscar no pensamento de Lênin. Na condição de dirigente político e revolucionário, Lênin não sacrificava os dados da realidade, não instrumentalizava os formulários, as respostas e as enquetes. Não distorcia o material sociológico obtido

para legitimar esta ou aquela posição política, ao contrário, reelaborava a massa de dados estatísticos. Em seu estudo sobre o desenvolvimento do capitalismo na Rússia há uma profusão de dados, tabelas, quadros e projeções. Lênin tinha familiaridade e destreza na utilização desse tipo de dados, empíricos e estatísticos (FERNANDES, 1978).

Florestan coloca em evidência este compromisso e a fidelidade para com a ciência. Isto significa que para falar em socialismo científico, compete à ciência desempenhar um papel fundamental, seja a ciência econômica, sejam as ciências sociais, como um todo, a sociologia, em particular. Aqui reside o espírito que move a Coleção Grandes Cientistas Sociais, o engate das ciências sociais na história do seu tempo, nos desafios da situação histórica do seu tempo. Trata-se de mobilizar os economistas, tanto a economia política clássica, quanto os críticos da economia política, a sociologia da ordem burguesa, de Auguste Comte e de Émile Durkheim, quanto da ordem socialista existente, de Stálin, Mao Tse-Tung, Ho Chi Minh e Fidel Castro. E além, na crítica da ordem socialista vigente, em nome da aceleração e do aprofundamento da transição do socialismo, e na afirmação da utopia revolucionária da instauração do comunismo, de Isaac Deutscher, Che Guevara, György Lukács e Nicos Poulantzas. O importante estava em pensar a crítica da sociedade e em descortinar as perspectivas de futuro. Voltamos a Wright Mills.

Florestan Fernandes e Charles Wright Mills defenderam a validade do estabelecimento de uma agenda de trabalho da sociologia que respondesse aos desafios de suas épocas históricas. Wright Mills referindo-se ao início dos anos 1960, a revolução cubana e a crise vivida nos Estados Unidos na década anterior. Florestan nos anos 1970, pensando a bipolaridade socialismo e capitalismo, instauradora de uma bipolaridade sociológica, a sociologia do polo da dominação e a sociologia do polo da revolução. A valorização do pensamento político e sociológico de Lênin reside nas atividades intelectuais contestatórias deste dirigente da Revolução Russa. Contestatórias no sentido de um enfrentamento da política concreta e o apreço pelas atividades intelectuais no sentido de que há rigor científico, há o controle e a apreciação objetiva dos dados, mais até, há uma observância,

um respeito aos dados, e não a manipulação deliberada ao sabor de circunstâncias sociais e de preferências individuais.

Talvez por tudo isso, pelo título e texto demasiadamente teóricos, publicado em um contexto de ampla mobilização e de chamados à ação, *A natureza sociológica da sociologia* tenha ficado numa espécie de penumbra intelectual e política. O livro contém inegavelmente muitos elementos para se pensar o projeto editorial da Coleção Grandes Cientistas Sociais e o significado do projeto político e intelectual da qual foi portadora. Um projeto derradeiro, para o qual Florestan Fernandes mobilizou um grupo histórico de pesquisadores e de pesquisadoras, dedicado a um tema e a uma causa comum, a transformação da realidade social brasileira, nas duas últimas décadas do século XX, e na construção deste objeto teórico, empírico e prático, de pensamento e de ação dos cientistas sociais e do movimento socialista e revolucionário no Brasil. Entendida nesta perspectiva, a reflexão sobre a participação dos intelectuais nos processos de mudanças sociais e de transformação da sociedade reitera o sentido de sua presença tanto no ponto de partida quanto no ponto de chegada da trajetória individual e da biografia intelectual e política de Florestan Fernandes (ARRUDA, 1998). Os livros *A contestação necessária* e *Em busca do socialismo*, publicados em 1995, encerram essa persistência da crítica e da negação, seja na sociologia acadêmica seja na sociologia crítica.

Diante das evidências, até aqui reunidas, cabem quatro observações para que se possa melhor refletir e investigar sobre elas. Em primeiro lugar, àquelas pessoas interessadas na dimensão da militância política de Florestan Fernandes, para esse período, será oportuna uma leitura de conjunto dos volumes que compõem a Coleção Grandes Cientistas Sociais. A segunda observação, àquelas pessoas interessadas na dimensão da reflexão sobre as teorias sociológicas, no âmbito da saída da crise intelectual existencial em que Florestan Fernandes se encontrava, até os anos finais da década de 1970, torna-se elucidativo a leitura de *A natureza sociológica da sociologia*. Terceira observação, àquelas pessoas interessadas na dimensão da história comparada do pensamento sociológico, vale a pena explorar os diálogos possíveis que se estabelecem a partir de *A natureza sociológica da sociologia* e o livro *A imaginação sociológica*, de Charles Wright Mills. Aqui, o ensaio da

professora Heloísa Rodrigues Fernandes sobre o sociólogo norte-americano contém inúmeras e sugestivas sinalizações. Por fim, àquelas pessoas interessadas na dimensão biográfica seria fecundo pensar a colaboração intelectual explícita, visível e facilmente identificável, rica e instigante, entre Florestan Fernandes e sua filha, a professora e socióloga Heloísa Rodrigues Fernandes, particularmente, a partir do volume da Coleção Grandes Cientistas Sociais dedicado a Wright Mills, por ela organizado e autora da introdução, escrita em 1979, e dos *Apontamentos sobre a teoria do autoritarismo*, ensaio que Florestan publicou em 1979 e que contém o prefácio de Heloísa Rodrigues Fernandes. Na outra via pode-se ler o prefácio de Florestan ao livro de Heloísa, *Política e Segurança*, publicado em 1974.

Há uma série de elementos e caminhos para se pensar a aproximação entre Wright Mills e Florestan Fernandes. *A imaginação sociológica* do sociólogo norte-americano pode ser lida como uma tomada de consciência ou como contraponto, como inspiração e como desafio para a *imaginação sociológica criadora* e a *sociologia crítica*, do sociólogo brasileiro. Nos escritos de Florestan Fernandes esta última expressão – sociologia crítica – preponderou sobre a primeira - imaginação sociológica criativa. Antes e mais do que rivalidade, podemos enxergar neste binômio complemento e unidade, distintos momentos e tarefas intelectuais e políticas. Ambas as expressões comportam possibilidades compreensivas da militância e da biografia de Florestan Fernandes e poderão ser abordadas, em outro momento, e em diversas perspectivas de análise por aquelas pessoas interessadas no estudo sistemático da obra e do pensamento sociológico e político de Florestan Fernandes.

## REFERÊNCIAS

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Uma sociologia do desterro intelectual. *In: FERNANDES, Florestan. Circuito fechado: quatro ensaios sobre o “poder institucional”*. São Paulo: Globo, 2005. p. 9-23.

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Trajetória singular: o acadêmico Florestan Fernandes. *In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 167-188.

- BASTOS, Élide Rugai. Florestan Fernandes e a construção das Ciências Sociais. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (Org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998, p. 143-156.
- D'INCAO, Maria Ângela (Org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FACIOLI, Valentim. Apresentação. In: BRETON, André. *Por uma arte revolucionária independente: Breton/Trotsky*. Trad. C. S. Guedes e R. M. Boaventura. São Paulo: Paz e Terra; CEMAP, 1985. (Organização e Apresentação Valentim Facioli). p. 9-11.
- FACIOLI, Valentim. Intelectual: democracia e cidadania. In: BRETON, André. *Por uma arte revolucionária independente: Breton/Trotsky*. Trad. C. S. Guedes e R. M. Boaventura. São Paulo: Paz e Terra; CEMAP, 1985. (Organização e Apresentação Valentim Facioli). p. 123-127.
- FERNANDES, Florestan. *Marx, Engels, Lenin: a História em processo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.
- FERNANDES, Florestan. *A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica*. 5. ed. São Paulo: Globo, 2006.
- FERNANDES, Florestan. *Em busca do socialismo*. São Paulo: Xamã, 1995.
- FERNANDES, Florestan. *A contestação necessária*. São Paulo: Ática, 1995.
- FERNANDES, Florestan. *Tensões na educação*. Salvador: Sarah Letras, 1995.
- FERNANDES, Florestan. *LDB: impasses e contradições*. Brasília: Câmara dos Deputados, 1993.
- FERNANDES, Florestan. *Pensamento e ação: o PT e os rumos do socialismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- FERNANDES, Florestan. *Que tipo de República?* São Paulo: Brasiliense, 1986.
- FERNANDES, Florestan. *Nova República?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1986.
- FERNANDES, Florestan (org.). *Marx-Engels: história*. São Paulo: Ática, 1984. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 36).
- FERNANDES, Florestan. *O que é revolução*. São Paulo: Brasiliense, 1980.
- FERNANDES, Florestan. *Brasil em compasso de espera*. São Paulo: Hucitec, 1980.
- FERNANDES, Florestan. *A natureza sociológica da sociologia*. São Paulo: Ática, 1980.
- FERNANDES, Florestan. *Apontamentos sobre a "teoria do autoritarismo"*. São Paulo: Hucitec, 1979.
- FERNANDES, Florestan. *Da guerrilha ao socialismo: a revolução cubana*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.

- FERNANDES, Florestan (org.). *Lênin: Política*. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 5).
- FERNANDES, Heloísa Rodrigues. Amor aos livros: reminiscências de meu pai em sua biblioteca. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998, p. 47-52.
- FERNANDES, Heloísa Rodrigues (org.). *Wright Mills: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1985. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 48).
- FERNANDES, Heloísa Rodrigues. *Política e segurança*. Força Pública do Estado de São Paulo: fundamentos histórico-sociais. São Paulo: Alfa-Ômega, 1974.
- IANNI, Octávio. A sociologia do Brasil. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 188-199.
- IANNI, Octávio (org.). *Florestan Fernandes: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1986. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 58).
- MOTA, Carlos Guilherme. Florestan: memória e utopia. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 11-18.
- NOVAIS, Fernando. Entrevista. In: MORAES, José Geraldo Vinci de; REGO, José Marcio (org.). *Conversas com historiadores brasileiros*. São Paulo: Ed. 34, 2002. p. 119-144.
- RAISON, Timothy (org.). *Os precursores das ciências sociais*. Trad. L. Corção. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1971.
- RODRIGUES, José Albertino (Org.). *Durkheim: Sociologia*. São Paulo: Ática, 1978. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, v. 1).
- SILVEIRA, Paulo. Um publicista revolucionário. In: D'INCAO, Maria Ângela (org.). *O saber militante: ensaios sobre Florestan Fernandes*. São Paulo: Ed. da Unesp; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 287-291.
- TOLEDO, Caio Navarro de. Utopia e socialismo em Florestan Fernandes. In: MARTINEZ, Paulo Henrique (org.). *Florestan ou o sentido das coisas*. São Paulo: Boitempo, 1998. p. 59-68.
- WRIGHT MILLS, Charles. *A imaginação sociológica*. Trad. W. Dutra. 4. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

